



**IPL**

instituto politécnico  
de leiria

**Provas Especialmente Adequadas  
Destinadas a Avaliar a Capacidade para a Frequência  
dos Cursos Superiores do Instituto Politécnico de Leiria  
dos Maiores de 23 Anos**

**Prova de Cultura Geral**

**Instruções gerais**

1. A prova é constituída por quatro grupos de questões, sendo o grupo 1 de resposta obrigatória. Dos restantes três, deverá responder apenas a dois deles.
2. A duração da prova é de 2 horas, estando prevista uma tolerância de 30 minutos.
3. Só pode utilizar, para elaboração das suas respostas e para efetuar os rascunhos, as folhas distribuídas pelo docente vigilante.
4. Não utilize qualquer tipo de corretor. Se necessário, risque ou peça uma troca de folha.
5. Não é autorizada a utilização de quaisquer ferramentas de natureza eletrónica (telemóvel, pda, computador portátil, leitores/gravadores digitais de qualquer natureza ou outros não especificados).
6. Deverá disponibilizar ao docente vigilante, sempre que solicitado, um documento válido de identificação (bilhete de identidade, cartão do cidadão, carta de condução ou passaporte).

**Grupo 1**  
**Resposta obrigatória**



José Luís Peixoto, *A Mãe que Chovia*, Quetzal, 2012

**Valores**

Em 2001, João Barrento escreveu, no seu ensaio “Receituário da Dor para Uso Pós-Moderno”: “*Ficámos mais sós. Sós, não porque nos faltassem os outros, muito pelo contrário. Ficámos sós porque fomos amputados de alguma coisa que era parte de nós*”\*. Saímos da nossa identidade e integrámos uma nova – a europeia – na qual não nos reconhecemos agora. Como ignorar ou superar esta condição de abandono? E sair desta letargia que nos revela uma impotência, um silêncio ameaçador no qual se dissipa o nosso otimismo? Onde estão eles, esses valores que suportaram, após o 25 de abril, a nossa esperança num Estado Social? Cabe-nos a nós, cidadãos responsáveis, reinventar e reerguer essa esperança, mas como levar a cabo essa alternativa?

Pertence-nos a nós, em época de escassa imaginação e engenho, essa tarefa de criar as condições de possibilidade ou de suporte dos valores que defendemos veementemente. Senão, como sobrevivemos à banalização, que impregna toda a nossa sociedade, da corrupção política e de um sistema que assenta, todo ele, no conluio de elites de poder, muitas vezes impreparada, mas que dita a lei? A impunidade política é o mal banalizado, corroendo o otimismo e a crença num sistema justo e baseado nas qualidades efetivas e no mérito. Como pensar a superação desta “*pobreza da nossa experiência*”?[...]

(Adaptação do texto “Valores”, de Maria João Cantinho, *Le Monde diplomatique*, Nº 76, fevereiro de 2013)

\*Destaque do autor

1ª QUESTÃO:

**Em sua opinião, de que modo é que o cidadão comum pode contribuir para recriar uma sociedade mais harmonizada com os nossos colegas europeus ao nível da educação, ciência e cultura?**

Em resultado da crise económica, vêem-se mais horas de televisão e menos cinema de qualidade, compram-se menos livros, vai-se menos ao teatro, tem-se menos acesso aos bens culturais, refere uma estatística recente. Neste cenário de crise sobejamente conhecido dos portugueses, cabe aos cidadãos apostados na construção de uma sociedade mais coesa e igualitária reinventar e reerguer a esperança pela tessitura a ponto fino nas malhas da vida do nosso quotidiano. Neste pressuposto, responda à questão acima, considerando na sua reflexão, se o entender, os seguintes tópicos de orientação:

- Problematização do atual paradigma caracterizado pela impunidade política;
- O papel dos valores na criação de uma sociedade onde não deverá existir espaço para o crescente fosso que separa a riqueza da pobreza;
- A sobrevalorização do efémero e acessório *versus* desvalorização do pensamento nas práticas do dia-a-dia;
- Percursos a trilhar em áreas como a cultura, a educação ou a ciência.

**Grupo 2, Grupo 3, Grupo 4**  
**Destes grupos, escolha apenas dois para responder**

**Grupo 2**



Nos últimos anos, os dados estatísticos sobre o desemprego em Portugal e na Europa (em particular nos países do Sul), apresentam-nos um retrato desolador e inquietante: os números sobem mensalmente e continuam a atingir valores recorde, nunca vistos nas últimas décadas. Dizem-nos que os números oficiais ficam aquém da realidade (a taxa oficial em Portugal, segundo dados do Eurostat, rondará os 17,6%) e que a tendência é para se agravarem. Os apoios sociais parecem regredir e, a cada nova alteração, a proteção social no desemprego parece tornar-se mais difícil e precária. Os números do desemprego jovem são particularmente assustadores: em Portugal, na faixa entre 24-35 anos, calcula-se que rondará os 39%; para a Grécia fala-se em 60%.

Sabemos também que o desemprego, para além da crueza dos números, é uma experiência individual profundamente desesperante, sobretudo quando a esperança de voltar a conseguir um emprego parece ter-se reduzido dramaticamente. Dizem-nos que se trata de um processo de “ajustamento” mas muitos avisam que o paradigma económico, que gerou muito do emprego que subsistia, entrou numa irreversível desagregação. O que virá ainda não sabemos o que será: seguramente levará muitos anos a desenhar um novo horizonte de futuro e um novo mundo do trabalho, digno e pródigo para todos.

2ª QUESTÃO:

**Partindo deste contexto, propomos-lhe que desenvolva uma reflexão sobre o significado humano do “trabalho” e sobre a sua finalidade e funções na vida individual e coletiva.**

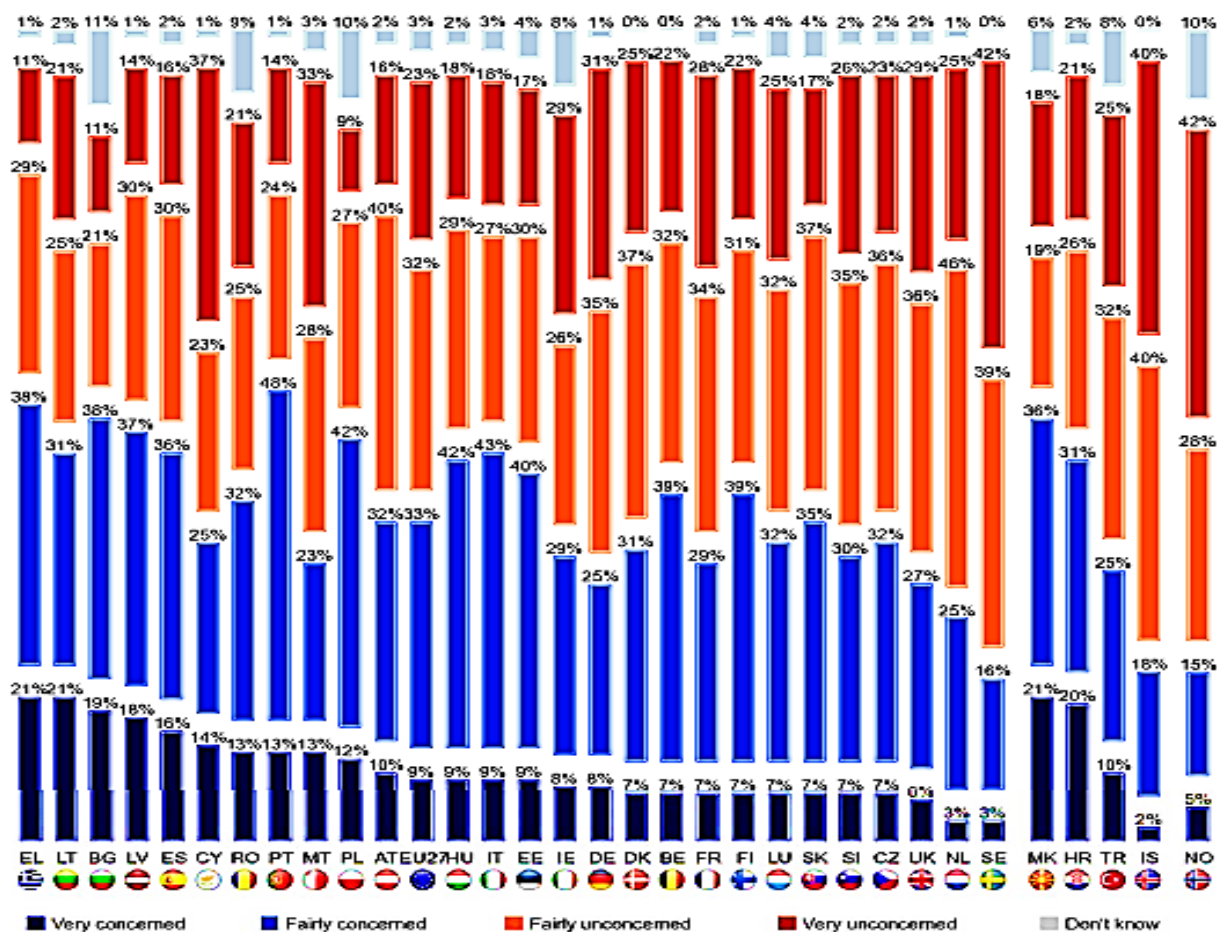
Oriente a sua reflexão tomando em consideração as seguintes questões:

- Trabalho e emprego são idênticos?
- O que é que ganhamos quando trabalhamos?
- Trabalhar é apenas ser(-se) útil?

## Grupo 3

Gráfico n.º 1:

Há pessoas que acreditam que a população está a ficar cada vez mais idosa. Quão preocupado está você pelo facto da população portuguesa acima dos 65 anos estar a ficar proporcionalmente mais numerosa.



Fonte: European Commission (2012). Report on active ageing. Special Eurobarometer 378/Wave EB76.2. Acedido em 12 de fevereiro de 2012 em [http://ec.europa.eu/public\\_opinion/archives/ebs/ebs\\_378\\_en.pdf](http://ec.europa.eu/public_opinion/archives/ebs/ebs_378_en.pdf)

As representações da velhice são construções operadas por cada sociedade que remetem para configurações de valores distintas consoante o contexto histórico, e que se ramificam pela classe social, o género ou a religião. Concordamos que a conceção do envelhecimento como um processo de declínio, só tem sentido, em abstrato, quando referente a um processo natural e biológico do envelhecimento; enquanto fase do processo de desenvolvimento de um ciclo de vida, corresponde a uma transformação social que pode conferir ou retirar prestígio aos indivíduos (Lima e Viegas, 1988). No contexto das sociedades industrializadas, a velhice surge associada a um problema social decorrente de vários fatores, entre os quais, o impacto compulsivo da reforma, o desaparecimento da família nuclear, o impacto da industrialização e da urbanização, o aumento dos índices de mobilidade geográfica e social (Fennel, Philipson e Evers, 1993). Segue-se que, numa lógica de maximização do lucro, os velhos são caracterizados pela sua improdutividade, sendo o seu isolamento institucionalizado desde o séc. XIX, com a criação de espaços específicos para os mesmos, como sejam os asilos. A velhice passa a ser encarada como uma doença social (Lima e Viegas, 1988).

Adaptado de: Matos, P. (2012). Ser-se mais do que velho: tempo, memória e velhice no contexto de um lar. Acedido a 6 de março 2013, em: <http://www.ces.uc.pt/lab2004/inscricao/pdfs/painel64/PATriciaMatos.pdf>

### 3ª QUESTÃO:

Desenvolva os seguintes pontos:

- **Interprete o gráfico que serve de ilustração ao presente texto: se juntar a percentagem dos cidadãos que estão muito preocupados (*very concerned*) com a dos que estão moderadamente preocupados (*fairly concerned*), quais os dois países onde essas preocupações são maiores? E os dois países em que essas preocupações são menores?**
- **Retirámos do texto da autora um excerto que permite problematizar a construção social da velhice. Retirando de lá algumas ideias ou mesmo citações, explique se, para si, o envelhecimento da sociedade portuguesa constitui um problema.**
- **A investigação feita nos últimos anos concluiu que a permanência dos idosos (pessoas acima dos 65 anos) no mercado de trabalho – uma reforma ativa – constitui, para eles, um fator de saúde mental e física. Diferentes formas de organização do trabalho, de ergonomia dos espaços, aliados à compreensão de que a experiência e o saber acumulados representam uma mais valia, quer para os empresários, quer para os trabalhadores, levam os investigadores a propor novas medidas de política social da velhice. Que argumentos teria para contrapor a estas novas propostas?**

## Grupo 4



### O VEADO FLORIDO

A história que vou contar passou-se há muito e muito tempo, numa terra que muitos arados revolveram, muitos pés pisaram, muitos rios sulcaram, muitas árvores cobriram, muitas secas secaram. É uma história muito antiga, passada numa terra ainda mais antiga.

Nessa terra havia um senhor muito rico. Tão rico ele era que possuía nos jardins do seu palácio uma coleção singular de animais nunca vistos. Os amigos e as visitas desse senhor muito rico embasbacavam-se diante das jaulas doiradas, que encerravam animais fantásticos, ali colocados para que as visitas e os amigos do senhor muito rico abrissem a boca e ficassem sem fala, cheios de espanto.

E não era razão para menos.

Havia crocodilos voadores, leões emplumados, cavalos azuis, borboletas gigantes, serpentes luminosas, girafas listadas, cisnes transparentes... Eu nem sei descrever o que lá havia... e, quando não se sabe, inventa-se!

Este senhor muito rico espalhou pelos quatro cantos do mundo criados seus, encarregados de descobrir novos bichos esquisitos. Quando um deles chegava da longa viagem, trazendo consigo mais uma raridade para a coleção, havia sempre uma jaula à espera, porque os bichos nunca vistos, embora fossem muito bem tratados, cedo morriam, deixando vazias as jaulas doiradas. Por isso os criados se afadigavam pelos quatro cantos do mundo, não sucedesse um dia o senhor muito rico não ter

amigos.

Um desses exploradores, o mais velho, o mais provado em anteriores caçadas sempre bem sucedidas, descobriu, uma vez, um espantoso animal, daqueles que só aparecem nos sonhos, mas não em todos. Foi numa floresta silenciosa.

Bem perto, por entre as árvores, olhou-o um veado. Pois que admiração, se viviam na floresta veados que espreitavam num repente, que espreitavam e fugiam, cheios de susto... Como era, porém, diferente aquele veado!

Era um veado florido. Belo e acetinado, como os outros, corpo flexível, patas finas, focinho aguçado, humedecido de ternura. Tal como os outros. Mas, nas longas e recortadas hastes que lhe ornavam a cabeça, tinha flores. Eram brancas. E tinha folhas, folhas de um verde luzidio e quase transparentes. Entre as folhas, botões donde brotariam novas flores. Era um veado florido.

O veado estacou quando o homem estacou. Parado no verde-escuro das sombras, parecia dizer-lhe: “Vem admirar-me de perto. Vem!” Ele foi e o veado não fugiu. Queria que lhe fizessem festas. Gostava muito de festas.

- Quem me dera este veado para a coleção do meu amo – pensou, em voz alta, o homem.



Prendeu o veado com uma rede, amarrou-o bem e levou-o consigo. Nunca caçara presa tão valiosa. Que bela recompensa iria receber!

Mas, pelo caminho, notou que as hastes do veado se despiam de folhas. As flores caíam. Quis guardar uma, mas ela desfez-se-lhe nas mãos. Olhou para as árvores em volta. Também não tinham folhas.

E o criado julgou compreender:

- É isso! Visto que estamos no Outono, caem as folhas das árvores e dos veados.

E o criado prosseguiu, satisfeito da vida, em direção ao palácio do senhor muito rico.

- Trazes-me um veado insignificante. Não tenho cá lugar para tais bichos – disse o senhor muito rico.

- Espere Vossa Senhoria pela Primavera e verá como das hastes hão de nascer flores mais catitas que as rosas dos seus canteiros.

- Veremos então – e o senhor virou as costas ao criado, sem o recompensar.

Veio a Primavera e as hastes do veado florido continuaram mudas, isto é, continuaram secas como raízes arrancadas da areia. O veado mal comia. Nas outras jaulas, os outros bichos também não tocavam na comida. Muitos morreram. E o senhor muito rico começou a enfasiar-se.

- Afinal, que graça têm estes animais? – perguntava ele, de si para si.

Os seus criados e emissários voltavam dos quatro cantos do mundo com as redes e as cordas a arrastar pelo chão. Tinham desaparecido todos os animais estranhos que havia à face da Terra. Nas jaulas doiradas, os últimos morriam. Só ficou o veado, aquele veado vulgar que o senhor muito rico nunca vira florir.

- Deitem abaixo todas estas jaulas para prolongar os roseirais. O veado só está a estorvar. Enxotem-no daí – ordenou o senhor.

Foi o criado que o aprisionara quem abriu a porta da jaula e o afugentou para fora dos muros do jardim.

- Vai-te, bicho nojento, que não me serviste para nada!

O veado correu até à orla da floresta. Havia sol e ervas tenras. Como se os raios de Sol lhe despertassem as hastes, de novo elas se cobriram de folhas luzidias, e de flores muito brancas.

- Senhor, senhor, venha ver – gritava o criado, apontando para longe. [...]

António Torrado (1994) *O Veados Florido*, col. Civ. Juvenil, Lisboa, 2.<sup>a</sup> ed.

#### 4ª QUESTÃO:

**O escritor António Torrado e a ilustradora Teresa Lima são os dois candidatos de Portugal ao prémio Hans Christian Anderson 2014, considerado por muitos como o Nobel da literatura infanto-juvenil. Leia o conto *O Veados Florido*, inicialmente ilustrado por Leonor Praça, depois por Manuela Bacelar e – quem sabe? – talvez ainda um dia por Teresa Lima.**

**Refira-se ao modo como utilizaria este conto numa atividade educativa, seja ela de que tipo for, e elucide o modo como um pequeno conto infantil pode ser utilizado para reforçar valores humanos fundamentais (e, voluntariamente, refira-se ao papel que as ilustrações podem ter nesse processo de aprendizagem).**